

BRASIL *Saúde*

Um em cada três prédios das metrópoles é insalubre

■ Organização Mundial de Saúde revela a necessidade de cuidados em edifícios doentes

SÃO PAULO – Um em cada três prédios comerciais de qualquer metrópole do planeta é um ambiente insalubre para o trabalho. A projeção é da da Organização Mundial de Saúde (OMS), que em 1983 criou o termo Síndrome do Edifício Doente para definir um conjunto de moléstias e sintomas que se manifestam nos habitantes de prédios modernos, envidraçados e abastecidos com sistemas de ar condicionado, nos quais encontram-se muita poeira e microorganismos em quantidades até 10 mil vezes maiores que no ambiente externo. Isso acontece, em boa medida, por falta de higiene e de manutenção dos sistemas de ar condicionado.

Além da poeira em suspensão e da massa de micróbios que invadem o aparelho respiratório, os habitantes desses prédios também sofrem, ainda que em menor grau, com odores tóxicos emanados por forrações e móveis novos e oscilações de temperatura. A atmosfera carregada provoca, segundo a OMS, um conjunto de sintomas e doenças como alergias de todo tipo, dor de cabeça, irritações nos olhos, nariz e garganta, dificuldade respiratória, fadiga, problemas de concentração...

Fungos – O principal inimigo é o acúmulo de poeira, que torna o ambiente ideal para a reprodução de fungos e bactérias. Os grandes acumuladores de sujeira são o carpete e o aparelho de ar condicionado. “Se não forem limpos com periodicidade, juntam sujeira e transformam-se em focos de fungos e bactérias”, afirma Ronaldo Jones, diretor no Brasil da empresa Produtos de Controle de Contaminação. Segundo Jones, mais de 80% da sujeira num ambiente são trazidas pelos pés das pessoas que o frequentam. “O carpete absorve e retém tudo o que trazemos da rua.”

O aparelho de ar condicionado renova apenas 10% do ar e faz recircular os outros 90%. Cada vez que o ar é absorvido e lançado de volta ao ambiente deixa nos dutos do aparelho muita sujeira, onde podem se desenvolver os microorganismos. “Como as pessoas não vêem a sujeira, não percebem o que estão respirando”, diz. Segundo Jones, em todo ambiente a qualidade do ar deve ser diagnosticada para avaliar o grau de sujeira. Só depois de feita a análise é que a empresa contratada poderá iniciar a limpeza, que deve ser mantida periodicamente de acordo com o nível de microorganismos.

Qualidade – O microbiologista Luiz Fernando de Góes Siqueira, professor-doutor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, diz que o máximo aceitável é de 750 unidades de colônias de fungos habitando cada metro cúbico de ar. “Mais do que isso, o risco de agravo à saúde aumenta e a pessoa pode ter surtos asmáticos, processo alérgico intenso e até pneumonia.” Abaixo deste valor, os sintomas são mais leves. “Basta manter um programa de controle de qualidade do ar e do ambiente”, diz. Segundo o microbiologista, quando o ambiente fica no mínimo 20 dias fechado os microorganismos se multiplicam e aumenta o cheiro de mofo.

Um caso extremo da síndrome do edifício doente aconteceu em 1976, num hotel no estado americano da Filadélfia. Um grupo de idosos legionários, que participavam de uma reunião da Legião Americana, foi atingida por um surto de pneumonia causada por uma bactéria desconhecida. Foi batizada de *Legionella* (alusão aos legionários) *pneumophila* (porque causava pneumonia). A bactéria havia proliferado na torre de resfriamento do

sistema de ventilação em meio a algas e muita sujeira. Como a entrada de ar ficava bem ao lado desta torre, as bactérias foram aspiradas e invadiram o hotel. Várias pessoas morreram. Atribui-se a uma infecção por *Legionella* uma forte pneumonia que o ministro Sérgio Motta pegou em 1991. Hoje, os médicos sabem que a doença causada pela *Legionella* não depende apenas da ação das bactérias. Ela atinge pessoas que estão com as defesas imunológicas em baixa, como os velhinhos legionários e o diabético e hipertenso Sérgio Motta.

Pânico – De acordo com Eduardo Oliveira Filho, diretor da Clim'Control, empresa responsável pelo diagnóstico do ar no gabinete do ministro das Comunicações, Sérgio Motta, preservar a qualidade do ar diminui a quantidade de faltas no trabalho por motivo de doenças. “Não podemos criar pânico na sociedade. O importante é conscientizar as pessoas de um problema que pode ser sério”, diz. “O ministro não desenvolveu a doença porque o ar do ambiente era ruim. Na verdade, ele já tinha uma doença anterior”, afirma, ressaltando que foi comprovado a existência de uma grande quantidade de microorganismos no gabinete. “Encontramos bactérias e fungos em todos os lugares. Mas a propensão de adquirir uma doença é maior em lugares fechados.”

A empresa americana Healthy Buildings International, pioneira no tratamento de prédios doentes, estabeleceu os parâmetros que definem o que é um ambiente saudável. Concluiu que, além da limpeza frequente do ambiente e dos dutos de ar condicionado, o ar precisa ser renovado no mínimo quatro vezes por hora. A temperatura deve oscilar entre 20 e 24 graus no inverno e entre 23 e 26 graus no verão.